

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE, TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE: REAL, TRAUMA, RITO

TRAINING IN PSYCHOANALYSIS, TRANSMISSION OF PSYCHOANALYSIS: REAL, TRAUMA, RITE

Gabriel Inticher Binkowski¹

Resumo: Este artigo propõe que a formação em psicanálise e sua transmissão constituem modalidades de tratamento do encontro com o real e o traumático da experiência analítica. Essa experiência retoma na singularidade do sujeito dramas que estão na base do recalque que engendra a cultura, o social, e que cimentam a civilização como um esforço de amparo e, ao mesmo tempo, de inibição e controle. Propomos que essa ideia tem consequências importantes para pensar a história e a configuração institucional da psicanálise e de seus ritos de formação e de transmissão, assim como a possibilidade de que o discurso analítico possa produzir efeitos a partir do sujeito da modernidade.

Palavras-chave: Psicanálise. Formação. Transmissão. Real. Trauma.

Abstract: This article proposes that training in psychoanalysis and its transmission constitute modalities of treatment of the encounter with the real and the traumatic of the analytic experience. This experience takes up dramas in the singularity of the subject that are at the base of the repression that engenders culture, the social, and that cement civilization as an effort of support and, at the same time, of inhibition and control. We propose that this idea has important consequences for thinking about the history and institutional configuration of psychoanalysis and its rites of formation and transmission, as well as the possibility that the analytical discourse can produce effects from the subject of modernity.

Keywords: Psychoanalysis. Training. Transmission. Real. Trauma.

INTRODUÇÃO

A psicanálise morre e nasce a cada dia, na boca de cada um de seus pacientes, nos ouvidos de cada analista e clínicos que dela fazem uso, nos encontros, desencontros e tragédias que se produzem em nossos grupos, associações, institutos, coletivos e laboratórios. Nesse movimento, costumamos nos perguntar muito sobre como sustentar uma formação e transmissão de uma prática impossível. Se Freud resumiu alguns desses paradoxos apontando nossa ciência do inconsciente como profissão impossível, ao lado do educar e do governar, é porque o risco de confundir o sujeito com o qual trabalhamos com nosso objeto de investigação leva seguidamente à perversão em ato sobre o outro. O desejo de modular o outro conforme sua própria imagem e ideais acompanha o drama da transmissão humana.

¹ Psicanalista e Professor no Departamento de Psicologia Clínica Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Mestre em Clínica Transcultural e Doutor em Psicologia pela Université Sorbonne Paris Nord. Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política. E-mail: gabriel.binkowski@gmail.com

Quanto a Lacan, ao profetizar que a psicanálise morreria, vendo a religião triunfar justamente por oferecer sentido, ele diagnosticou a psicanálise como uma prática que se encontra em uma posição insustentável, visto que lida com aquilo que não anda, ou seja, com o real (Lacan, 2005a). Enquanto o mundo atual deve andar, o real des-anda, o que é insuportável justamente porque o sujeito da modernidade, aparelhado pelo discurso científico, se forja a partir da fantasia de um real domesticado, mesmo colonizado. Isso já fora parte da distinção operada por Lacan sobre o conceito de real, avançando para além em relação às definições de Alexandre Koyré de que o real poderia ser conhecido através da formalização de um matematismo na ciência (Lima & Ferreira, 2015).

Em relação ao sujeito da modernidade, já fora proposto por Freud (2015) que o mal-estar permanecia como um resto da própria modernidade, num estranho emparelhamento entre sujeito e resto que passamos a antever a partir do ensino de Lacan, uma vez que é do resto que se criam as condições do desejo e também da força avassaladora da irrupção do real. Portanto, se o mal-estar decorre dos efeitos da ciência e é ampliado pelos ideais advindos do campo do Outro [I(A)], que, afinal, são ideais regidos por fantasias de sutura, para pensarmos sobre o estatuto de sujeito na psicanálise precisamos apontar, citando Lacan, “uma estrutura que dá conta do estado da fenda, de *Spaltung* em que o psicanalista o situa em sua práxis” (Lacan, 1966, p. 869).

No mesmo *A ciência e a verdade*, Lacan situa que a práxis da psicanálise implica precisamente o próprio sujeito da ciência, que é aquele que a ciência trata de suturar, sem, justamente, deixar de cair em sua impossibilidade. Diante disso, passando por Jacques-Alain Miller, a psicanálise revela os ideais sociais em sua natureza de semblantes, semblante de um real que é aquele do gozo (Miller, 2008). Então, desse modo, situamos que o nasce e morre da psicanálise, diante de cada um de seus pacientes, em cada instante de suas práticas e de sua transmissão, remete ao encontro de uma experiência que é aquela que singularmente pode se dar quando de um tratamento oferecido por um psicanalista.

Essa última afirmação, posta por Lacan em *Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956*, guarda ressonâncias com aquilo que fora discutido por Freud em *A questão da análise leiga* (1998), onde lemos sobre o tripé da formação analítica: estudo teórico, análise pessoal e supervisão clínica. Porém, um dos destaques da discussão proposta no ensaio freudiano é o da indissociabilidade entre tratar e investigar na experiência do analista, o que combina a regra da livre associação discursiva imposta ao paciente (numa estranha e relevante imposição de liberdade associativa) com a atenção flutuante por parte do analista: tratamos ao investigar, investigamos ao tratar; já o paciente, como indicou Freud, tem uma experiência com sua realidade psíquica inconsciente, retirando desta os balizadores essenciais que podem levá-lo até a posição de analista.

O que é essa experiência então, esse encontro com determinações inconscientes que, por sua vez, expõem os semblantes e a própria estrutura das formações de recalque que a civilização nos imprime em troca de certo amparo diante da natureza, da morte e do imprevisível? Propomos pensar neste artigo que o encontro com o real da experiência analítica, seja pela repetição, seja pela quebra da cadeia significativa, constitui uma modalidade nodal do próprio trauma constituinte da experiência psíquica e do laço social. Toda forma de psicanálise, como discutiremos mais tarde, ritualiza esse encontro de modo a dar condições de que a fatura das composições imaginário-simbólicas nas quais nos apoiamos através da cultura se transforme em uma experiência de

nomeação que é aquela do encontro do desejo. Isso produziria consequências sobre as próprias modalidades de formação e da transmissão da psicanálise? É o que pretendemos desenovelar.

MORTE NO DIVÃ?

Ao caracterizarmos o sujeito como evanescente, uma vez que ele promove a função de representar um significante para outro significante, entendemos o sujeito como um evento homólogo ao ponto de capitonê da amarração entre significante e significante do qual surge a metáfora (Menicucci & Santiago, 2012). Tal como a metáfora faz um nó que detém, mesmo que provisoriamente, o deslizamento da cadeia significante e o aparelho de gozo que funciona através da linguagem, o sujeito tem por condição um nó articulado a partir de um entrelaçamento no qual real, simbólico e imaginário são arranjados, enodamento que chamamos de Nome-do-Pai. A psicanálise, enquanto tratamento, é uma práxis que impõe ao pensamento, ou seja, ao gozo do deslocamento metonímico na linguagem, um respeito à primazia do significante, já que este prescinde de qualquer cogitação (Lacan, 1956), tomando aqui a cogitação como referência à função do *cogito* arvorada por Descartes como ponto basal e fundador da razão do sujeito moderno, em seus aspectos éticos e epistemológicos – relembrando aqui a íntima conexão entre o advento do sujeito moderno, sujeito da ciência, e a noção de sutura.

Um tratamento psicanalítico constitui uma novidade cultural por oferecer uma passagem discursiva ao sujeito através de um laço social que impõe o falar sem censura (Lacan, 1992), dizendo algo que propõe estranhamento. Estamos diante de um laço social que é estranho, estranho às configurações regulares da cultura e do social que são compostas pela censura, pela repressão pulsional e pela renúncia do objeto de satisfação. O discurso analítico, portanto, é um discurso estranho.

Betty Milan (2021), ao testemunhar seu percurso de analisanda com Lacan, dá relevo ao estranhamento, que “era para Lacan um sinal de que o inconsciente havia se manifestado e, na sua prática, ele também se valia desse sinal” (Milan, 2021, p. 67). Segundo a autora, a função do corte também passava por provocar o estranhamento, desfazendo, por um lado, formações cristalizadas no simbólico e, ao mesmo tempo, como o próprio Lacan salienta em *Nomes-do-Pai* (2005b), uma “tarefa do analista” é a de simbolizar um símbolo (p. 41).

Tais afirmativas podem soar bastante *estranhas*, pois nos acostumamos a ouvir em debates psicanalíticos que a palavra é a morte da coisa, ou, para citar o próprio Lacan, “o símbolo manifesta-se em primeiro lugar como assassinato da coisa” (Lacan, 1966, p. 319), que retoma o que São Paulo escrevera no Novo Testamento: a letra mata, o espírito dá vida. Assim, quando escutamos nossos pacientes, a tentativa de fazer advir o sujeito por meio de formações desejantes, do inconsciente, atravessa necessariamente composições de esfarelamento de palavras e de símbolos – haja vista que estes últimos são composições da malha simbólico-imaginária que operam pela sutura do real, numa espécie de amparo-tampão para o regime de excesso que é o do gozo e do próprio jogo metonímico da linguagem. Ao testemunharmos esses esfarelamentos e mesmo esfarelamentos, estamos nos encontrando com manifestações da morte sobre o divã, para daí nascer o desejo, essa nossa aposta-bússola na direção do sujeito do inconsciente.

Desse modo, a prática analítica se dá paradoxalmente num morrer e sobreviver, num encontro com o desamparo do sujeito diante das impossibilidades do símbolo e da cultura diante do real e da pulsão de morte, mas, também ainda, da sobrevivência do desejo enquanto o projetar-se do sujeito através da conquista do próximo significante. Pode parecer poesia de boteco, contudo, nos interessa pensar nisso como um dos morreres no divã: o que se falou morre ali, dando espaço para o próximo dito e o enlaçamento que dele pode advir. Por isso, a psicanálise pode se integrar à cultura (constituindo uma modalidade de discurso que faz laço social) mesmo que devendo sustentar uma certa posição de extraterritorialidade em relação à ciência e às práticas e instituições do social e da cultura (Lacan, 1955; Léclaire, 1990).

Disso decorre que nos encontramos constantemente, enquanto humanos e coletivos que desejam continuar sustentando esse desafio, reformulando e repensando nossas formas de continuar a promover tais experiências e transmiti-las para as próximas gerações. Ingrato esforço, haja vista que o próprio mito freudiano do pai da horda primitiva (Freud, 2010), evento hipotético que tenta dar um contorno (uma formulação simbólico-imaginária) ao surgimento da cultura enquanto um projeto de vida em comum, e seu subsequente reaparecimento enquanto totem, dá o tom dos efeitos da morte da coisa e de seu reaparecimento na cadeira significante (Castro, 2011). Nossas tentativas de sustentar e transmitir invariavelmente terminam na recriação de totens, seja pela forma de autores, seja pela forma de instituições cultuadas e inibidoras.

Num jogo composto entre morte e vida, estranho e familiar, temos a expressão lacaniana *extimidade* (Lacan, 2005c) como um nome que pré-figura esse encontro com um objeto íntimo do lado de fora, ou um encontro com o estrangeiro no que se considerava como dentro. Em outros trabalhos (Binkowski, 2021), chamamos de *objetos êxtimos* aqueles que se encontram num mais-além interno, atualizando bordas a partir de um objeto que não está lá, seja perdido, seja esquecido ou escondido, porém, dando margem a promessas de satisfação e amparo – como se dá na relação do sujeito com a coisa religiosa. Aqui, quando nos desafiamos a pensar a transmissão e a formação em psicanálise, a associação com a noção de *extimidade* surge diante da necessidade de pensar que a função que a psicanálise pode ter enquanto modalidade discursiva é que ela necessariamente estará tentando operar pelas vias do êxtimo, ficando relegada por vezes a ser experimentada enquanto um trabalho de Sísifo.

Contudo, mantemos isso vivo porque há efeitos importantes e estes também têm proximidades com outras formas culturais de tratamento do estranho e do mal-estar. Com efeito, a própria sugestão de que há morte no divã não deixa passar a íntima ligação entre a morte iniciática das experiências mágico-religiosas ligadas às tradições ameríndias, africanas e, em geral, ao xamanismo. Quando Lacan iniciou seu retorno a Freud a partir de uma aplicação do estruturalismo na empreitada da reforma das chaves de leitura da psicanálise, foi com a obra de Claude Lévi-Strauss que foi possível associar a estrutura simbólico-imaginária da fantasia neurótica com o mito como analisado na antropologia. Ao aplicar tal esquema ao caso do *Homem dos ratos* em seu *O mito individual do neurótico* (2008), Lacan mostrou que há algo de inconsciente no mito e que há algo de indizível no mito individual, a morte, o que ao longo de seu ensino ganhou uma rede conceitual que associa indizível-morte-castração-impossível-resto-conjunto vazio-objeto a (Tardits, 2009).

Como viemos tratando, mesmo que o discurso analítico seja uma novidade na cultura, haveria para pesquisadores como o próprio Lévi-Strauss e o

historiador das religiões Mircea Eliade uma proximidade formal e mesmo de conteúdo entre a cura analítica e a doença iniciática e a morte ritual presentes nas tradições xamânicas. Se os humanos das sociedades tradicionais tentaram vencer a morte ao retirar dela seu estatuto de *parada* ao torná-la um *rito de passagem* (Eliade, 1957), foi para indicar que aquilo que morria não era o essencial, logo, a morte seria uma iniciação suprema de deixar-se morrer para a vida profana. Tal seria a experiência de transformação de um indivíduo acometido por um mal espiritual que, ao receber o tratamento adequado, renasceria como xamã, curandeiro, aquele que maneja as fronteiras entre o visível e o invisível e que tem conhecimentos sobre os segredos da natureza, os enigmas da vida e do próprio futuro (Eliade, 1957).

Do mesmo modo, Lévi-Strauss (1958) associa essas experiências de doenças iniciáticas com o tratamento analítico: a técnica surgida com Freud seria uma retomada secularizada do reencontro com as experiências arcaicas e do infantil, estes sendo, por sua vez, nossos pontos de ancoragem, nossos eventos primordiais e que também estão na gênese dos processos místicos. Esse lugar para a psicanálise na cultura ocidental é um efeito do recalque da coisa religiosa no seio da cultura, tornando aquilo que era da ordem do sagrado uma experiência profana. Por conta disso, a própria noção de eficácia simbólica que Lacan retoma de Lévi-Strauss desde o texto sobre o estádio do espelho (Lacan, 1949) denota a eficácia do eu enquanto imagem unificadora no júbilo do sujeito e de sua experiência corporal e psíquica fragmentada.

Um xamã se forma com uma cura iniciática, assim como um analista também se forma através do atravessamento de uma experiência analítica na qual ele encontra seu desejo e as condições de conduzir outros nessa encruzilhada. Muito embora seja um paralelo comum, sabemos que se trata, tanto para Lévi-Strauss como para Eliade, de uma aproximação um tanto exagerada. Mesmo assim, se as tradições mágico-religiosas foram tecendo estruturas e modalidades de formação e de hierarquia em torno da experiência de encontro com o invisível e com o sagrado, isso se dava porque havia um objeto a ser transmitido. De que objeto se trata então?

DO QUE SE TRANSMITE, ALIANÇAS E PACTOS: QUAIS RETORNOS E VIOLÊNCIAS NA TRANSMISSÃO E NA FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE?

A experiência freudiana mostrou que os caminhos da verdade são capilares. No entanto, é a partir de suas repetições que desbravamos tais capilaridades de modo a salientarmos que as bordas que traçamos em torno das fissuras do real são modalidades de composição com a falta, diante do vazio, daquilo que escapa. Gerard Haddad, psicanalista conhecido por escrever sobre a transmissão da psicanálise (*O dia que Lacan me adotou*, 2003) e sobre a transmissão da religião e suas íntimas conexões com a psicanálise (*Lacan et le judaïsme: précédé de les sources talmudiques de la psychanalyse*, 1996), deu relevo à dimensão do estranho retorno da coisa religiosa tanto na prática hermenêutica que define o método interpretativo psicanalítico como também no tipo de aliança que se forja em meio às formações grupais e de transmissão da psicanálise – um pacto de transmissão.

Ao escrever sobre o Talmude, que é a compilação de comentários, interpretações jurídicas e interpretações éticas relativas à Torá, Haddad chama atenção para o fato de que o próprio Talmude, como a literatura rabínica, foi escrito por homens e com sua leitura sendo desaconselhada – mas não proibida – a mulheres (Haddad, 1996). Paradoxalmente – como são os paradoxos e contradições que

envolvem o estranho –, a questão das mulheres é de longe a mais importante. Mais ainda, o próprio pertencimento ao povo judeu se dá exclusivamente pela transmissão feminina. A mulher, entretanto, aparece ali pintada num tom decididamente injurioso, como um ser superficial, vão, vaidoso, ligado a superstições e dominado pela sensualidade e pelo nervosismo. Conforme pensa Haddad, a tradição hebraica reconhece essa tendência de fazer com que a mulher encarne o Outro, aquele de onde vem e ao qual se endereça o desejo.

O desejo de transmissão, portanto, parece se encontrar na psicanálise através de uma série de pactos, rupturas, desacordos e defesas obsessivas contra a ideia de que a própria psicanálise seja contaminada pela impureza que vem do outro. Aqui remetemos às construções de Jacques Derrida a propósito da pulsão de crueldade e de como esta também deve ser encarada como estando presente dentro da própria instituição psicanalítica (Derrida, 2000). Escrevemos alhures (Binkowski, 2018) sobre a presença da crueldade na organização e na história das instituições psicanalíticas, onde se repetem recalques e recusas ligados a dramas e rupturas do movimento psicanalítico – Jung e Freud, Freud e Ferenczi, numa série infindável. Mais recentemente, nas últimas décadas, muita pena foi gasta para tentar dar diferentes versões dos eventos, disputas e transformações da psicanálise francesa, notadamente a partir da figura de Lacan e de sua dita excomunhão da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) em 1953 e dos dramas posteriores, que levaram a uma série histórica de dissoluções e recriações de associações, institutos, grupos, etc., numa verdadeira fenomenologia da cissiparidade que chega a dar inveja a incautas agremiações políticas e/ou religiosas.

De nossa parte, alguns anos de frequentação de diferentes espaços psicanalíticos na França nos mostraram na crueza da empiria que há uma lógica da transmissão e da formação de psicanalistas bastante diferente do que conhecemos no Brasil. Se aqui há uma valorização de psicanalistas-celebridades (Binkowski, 2022) e de mestres que se portem como verdadeiros proprietários das chaves de leitura e de interpretação de textos analíticos – guardando uma semelhança com a figura do bacharel de fala bonita, como dizia Buarque de Holanda (2015) –, a psicanálise francesa é menos marcada pela transmissão a partir e com o texto e mais por uma espécie de lógica aristocrática e extremamente hierárquica. Isso resulta, baseando-nos especialmente em nossa imersão social e cultural na terra de guilhotina, em relações de transmissão e mesmo de formação de pares muito mais hierarquizadas, violentas e mesmo inibitórias. Não é incomum que conferências e atividades psicanalíticas na França terminem com o som dos grilos, ou, em outras tantas vezes, com a desconsideração total do trabalho de outrem. Pensamos que isso se dá como um resto amaldiçoado e pouco simbolizado das rupturas, crises e transformações da história da psicanálise francesa, sobretudo em torno da figura de Lacan.

Ademais, não podemos deixar passar batido que a figura do mestre ainda faz sombra e é bastante totemizada: é bastante comum que discussões sejam entremeadas por frases como “eu conheci Lacan, estive em seu divã” ou mesmo “foi o próprio Lacan que me disse isso numa sessão de supervisão” (aliás, na França, supervisão se chama *contrôle*, o que dá uma ideia da fixação cultural por hierarquias, do mesmo modo que os psiquiatras insistem em se fazerem chamar de *Docteur*, sobretudo aqueles que não passaram nem perto de uma tese de doutorado). Também haveria aqui toda uma discussão sobre o dispositivo do passe, que algumas associações e escolas insistem em usar, contudo, o

ponto essencial a que queremos dar relevo é o de uma ritualização extrema não apenas das experiências de formação e de transmissão, mas de todo o entorno destas. Muitas vezes o pacto pela suposta transmissão da psicanálise acaba sendo um verdadeiro pacto totêmico: regurgitar as pretensas palavras de um mestre e fomentar ambientes de controle – literalmente –, de inibição e de falta de indicadores importantes em qualquer prática de transmissão e cultura: alegria, leveza e desejo em se deparar com novas possibilidades.

Por isso, faz-se necessário que continuamente façamos um inventário da história e das próprias noções de formação em psicanálise, pois é muito fácil confundir transmissão com herança. Como recupera Freud a partir de Goethe, temos de merecer aquilo que herdamos e essa parece ser uma confusão que se reproduz no meio psicanalítico: tentar garantir obsessivamente uma certa pureza da teoria, da técnica e da própria organização da formação. Isso é deveras impossível porque justamente cabe sempre às novas gerações o desafio de reinventar práticas, estilos e, conseqüentemente, de fazer um trabalho tanto genealógico sobre a obra dos precursores como afetivo para com a relação libidinal que temos com obras e figuras. Além disso, o que se transmite é um estilo que é fruto da experiência de encontro com o inconsciente e com o real. Passa-se por algo da ordem do traumático e da confusão, levando até uma relação ética e de artesanaria com o fazer e o saber.

Caso contrário, no lugar de uma aliança pela transmissão de um saber-fazer, fazemos um pacto que lembra aquele fatalmente descrito por Freud em *Totem e tabu*: uma comunidade de repressão e de recalque, na qual cada irmão parece viver sob o terror da violência e do ódio alheio. No caso da psicanálise, isso fica mais evidente tendo em vista que trabalhamos a partir de formações do inconsciente, algo que histórica e politicamente a civilização tenta evitar. Trata-las, no sentido de acolhê-las, responde por um efeito de sideração que remete ao traumático presente na formação da subjetividade e da cultura. A linguagem é uma via de encontro e de desencontro com o real, tanto é que criamos coisas belas a partir de nosso falar e do discurso, contudo, isso só é possível porque criamos máquinas languageiras de produção de diferença a partir das irrupções do próprio real. Aqui vale uma referência ao *Seminário 17, o avesso da psicanálise* – avesso que é uma referência ao discurso do mestre: para Lacan, o Deus da Talmude, Yahvé, é um deus de ignorância, que se anuncia ao povo hebreu ignorando tudo acerca do sexual, algo no qual estavam fundadas as outras religiões que existiam. Yahvé estaria, diz Lacan, tomado pela paixão feroz, sendo atravessado pelas três paixões fundamentais: amor, ódio e ignorância, as paixões que estão presentes em seu discurso. Já o analista, atuando a partir dessa novidade cultural que é o discurso psicanalítico, não participa dessas paixões, pois se oferece ao outro enquanto objeto a.

Diante disso, o que mobilizamos aqui é que o próprio analista, no ato analítico – ou seja, tanto no tratamento como na formação, visto que em ambos há formação de transferência através do fenômeno e da estrutura do *sujeito suposto fazer* –, coloca-se como espaço vazio para que o outro possa com ele fazer borda. Este é o único ritual decididamente psicanalítico, ou seja, não dependemos de mobiliário, de títulos ou de certas expressões linguísticas ou caras e caretas, mas de um oferecer-se ao outro como lugar de borda, lugar que dê-borda e de bordado. Este deveria ser nosso único rito.

REFERÊNCIAS

- Binkowski, G. I. (2018). Crueldade e álibi na técnica psicanalítica: uma leitura da carta de Derrida aos psicanalistas. **Analytica**, 7(13). Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v7n13/05.pdf>
- Binkowski, G. I. (2021). A psicanálise e sua estranheza frente à religião. Rastros e implicações de um objeto êxtimo entre clínica, cultura, política e sociedade. **Boletim Formação em Psicanálise**, 29(29), 39-55. Recuperado de <http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/2021-sedes-boletim-formacao-v29-3.pdf>
- Binkowski, G. I. (2022). O psicanalista celebridade e o psicanalista militante. Variantes do tratamento padrão? In M. Kamers, M. A. C. Jorge, & R. M. Mariotto (Orgs.). **Psicanálise, clínica e cultura**. Salvador: Ágalma.
- Castro, J. C. L. (2011). A palavra é a morte da coisa: simbólico, gozo e pulsão de morte. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, 6(4), 1405-1428. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v11n4/05.pdf>
- Derrida, J. (2000). **États d'âme de la psychanalyse**. Adresse aux états généraux de la psychanalyse. Paris: Galilée.
- Eliade, M. (1957). **Mythes, rêves et mystères**. Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1998). **La question de l'analyse profane**. Paris: Folie Essais.
- Freud, S. (2010). **Totem et tabou**. Paris: Éditions Points.
- Freud, S. (2015). Le malaise dans la civilisation. In S. Freud, **Écrits philosophiques et littéraires**. Paris: Seuil.
- Haddad, G. (1996). **Lacan et le judaïsme: précédé de les sources talmudiques de la psychanalyse**. Paris: Desclée de Brouwer.
- Haddad, G. (2003). **O dia em que Lacan me adotou**. São Paulo: Companhia de Freud.
- Holanda, S. B. (2015). **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1955). Variantes do tratamento-padrão. In J. Lacan, **Escritos** (pp. 325-364). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1956). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In J. Lacan, **Escritos** (pp. 461-495). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1966). A ciência e a verdade. In J. Lacan, **Escritos** (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1967). Proposition du 9 octobre 1967 sur la psychanalyse de l'École. In J. Lacan, **Autres écrits** (pp. 575-591). Paris: Éditions du Seuil.
- Lacan, J. (1992). **O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2005a). **Le triomphe de la religion**. Précédé de discours aux catholiques. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (2005b). **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2005c). **O seminário: livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2008). **O mito individual do neurótico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Léclaire, S. (1990). Débat avec P. Guyomard et A. Finkielkraut. **Le Feuillet, journal de la Convention psychanalytique**, 22.
- Lévi-Strauss, C. (1958). **Anthropologie structurale**. Paris: Plon.

EM PAUTA

Lima, C.H., & Ferreira, M.R. (2015). Lacan com Koyré: teoria do sujeito e suas incidências clínicas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, **67**(1), 37-50. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000100004&lng=pt&tlng=pt

Menicucci, J. G., & Santiago, J. (2012). A metáfora enquanto ponto de base: uma articulação possível entre a noção de metáfora e a teoria dos nós. **Mental**, **10**(19), 203-220. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272012000200003&lng=pt&tlng=pt

Milan, B. (2021). **Lacan ainda: testemunho de uma análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Miller, J.-A. (2008). La psychanalyse, la cité, les communautés. **La Cause Freudienne**, **68**, 105-119. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-la-cause-freudienne-2008-1-page-105.htm>

Tardits, A. (2009). Lévi-Strauss et Lacan en 1956, une rencontre qui éloigne. **Figures de la Psychanalyse**, **17**(1), 27-42.